

GEOGRAFIA, PRÁTICA DOCENTE E VIOLÊNCIA URBANA

Geography, teaching practice and urban violence

Francisco Jean da Silva Araújo*

Antonio Cardoso Façanha**

*Mestre em Geografia – UFPI/PPGEO. jhearaujoufpi@gmail.com.

** Professor do PPG em Geografia – UFPI. facanha@ufpi.edu.br.

Recebido em 08/08/2018. Aceito para publicação em 20/08/2018.

Versão online publicada em 03/09/2018 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Este artigo tem como objetivo principal, discutir a importância da geografia para refletir sobre fenômeno da violência urbana em sala de aula. Os procedimentos de investigação foram baseados na pesquisa bibliográfica realizada através de consultas em livros, artigos científicos e fontes pesquisadas em *websites*, além da realização de entrevistas com 04 (quatro) professores de geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, *Campus* Teresina Central. Essa discussão foi construída, tomando como referência os trabalhos de Cavalcanti (2001; 2002), Callai (2001), Tardif (2012), Bauman (2009), Rodrigues (2002), Queiroz (2002), entre outros. Como resultado, constatou-se que é possível refletir sobre o fenômeno da violência urbana, a partir de uma perspectiva geográfica. Nesse sentido, a geografia enquanto ciência que estuda a organização espacial, não pode se omitir desse debate, tão pouco, desconsiderar a violência urbana como um fenômeno social que influencia na organização espacial, nas relações sociais, portanto, no modo de vida das pessoas que habitam nas cidades.

Palavras-Chaves: Geografia; Prática docente; Violência urbana.

Abstract:

This article has as main objective, to discuss the importance of geography to reflect on the phenomenon of the urban violence in the classroom. The investigation procedures were based on a bibliographical research through books, scientific articles and sources researched on websites. Besides that, interviews were conducted with 04 (four) geography teachers from Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí - IFPI, *Campus* Teresina Central. This discussion was constructed, taking as reference the works by Cavalcanti (2001, 2002), Callai (2001), Tardif (2012), Bauman (2009), Rodrigues (2002), Queiroz (2002), among others. As a result, it was found that is possible to reflect on the urban violence phenomenon, from a geographical perspective. In this sense, geography as a science that studies the spatial organization, can be neither omitted from this debate, nor disregard the urban violence as a social phenomenon which influences on the spatial organization, on social relations, therefore, on the urban people's way of life.

Keywords: Geography; Teaching practice; Urban violence.

1. Introdução

A organização espacial das cidades não acontece aleatoriamente, a parcela do solo urbano, que é ocupado por cada um, obedece a uma lógica mais ampla derivada de sistemas políticos, sociais, sobretudo, econômicos previamente organizados. Nesse ambiente a sociedade constrói o espaço segundo seus interesses, mas sabe-se que os interesses das classes dominantes se sobressaem. Nesse contexto, os interesses do capital são atendidos, em detrimento das necessidades sociais, o que gera as desigualdades sociais e a ineficiências das políticas públicas que originam muitos

problemas urbanos, entre eles o da violência urbana.

Para entender a dinâmica social das cidades é preciso considerar a violência urbana como fenômeno que se reflete nas relações sociais, na produção do espaço urbano e no comportamento das pessoas, portanto, no modo de vida urbano. Dentro dessa perspectiva, qual a contribuição geográfica na análise desse fenômeno? como geografizar a violência urbana para entender a sua dinâmica e sua complexidade? são algumas questões que serão discutida nesse artigo.

Embora não seja a intenção desse trabalho apontar as diretrizes ou os caminhos que a geografia deve seguir ou trilhar diante desse desafio, mas é importante destacar que a ciência geográfica não pode fugir ou se omitir desse debate, uma vez que a violência urbana permeia as cidades, influenciando no modo de vida urbano das pessoas.

O presente artigo visa refletir sobre a importância da geografia no estudo da violência urbana, procurando fazer uma reflexão crítica acerca das estratégias que os professores de geografia usam durante suas práticas docentes em sala de aula para geografizar o fenômeno violência urbana.

O artigo está estruturado da seguinte forma: No primeiro momento foi feita uma breve discussão sobre a importância da ciência geográfica para entender o espaço geográfico a partir do cotidiano, da realidade vivida pelo aluno e como essa disciplina pode colaborar na construção da cidadania. No segundo momento foi realizado um debate sobre a cidade e a violência urbana. Por último, realizou-se uma análise sobre a violência urbana como tema nas aulas de geografia.

2. O ensino de Geografia e a formação cidadã

Estudar geografia permite não somente entender o espaço, mas conhecer um pouco mais sobre a sociedade que o habita. Dessa forma, a disciplina geografia tem um papel primordial na educação, pois proporciona o aluno a estudar o espaço ultrapassando as paisagens visíveis e chegando até o motor de sua formação que é composto de natureza e sociedade.

A Geografia é uma disciplina que pode contribuir muito nesse sentido: “[...] a geografia é um saber vivido e aprendido pela própria vivência. Um saber que nos põe em contato com nosso mundo exterior, com o seu todo e com cada um de seus elementos, a um só tempo” (MOREIRA, 2005, p. 58). Através da Geografia podem ser discutidos vários elementos que estão presentes no cotidiano dos alunos como economia, desigualdades sociais, violência, questões ambientais, entre outros. Pode oferecer uma formação crítica sobre aspectos vivenciados pelos alunos no seu cotidiano.

O aluno como parte da sociedade carrega consigo vivências conforme o lugar onde mora e através destas podem construir o conhecimento do espaço, traz consigo, para dentro da escola, experiências de vida conforme o seu lugar, a sua realidade social; sendo o lugar um espaço vivenciado, possui uma cultura geográfica.

Neste sentido, é relevante, ainda que não suficiente, para os professores de geografia enfrentar o desafio de se considerar, entre outras, a “cultura geográfica” dos alunos. Na prática cotidiana, os alunos constroem conhecimentos geográficos. É preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontados, discutidos e ampliados com o saber geográfico mais sistematizado (que é a cultura escolar) (CAVALCANTI, 2005, p. 68).

A geografia pode contribuir para uma formação cidadão do aluno como afirma Cavalcanti (2001, 2002), Callai (2005), Damiani (2001), esses autores discutem que ao conhecer o espaço em que vive o aluno cultiva uma visão crítica atuando melhor como cidadão. Dentro desse contexto, Callai afirma: “[...] consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos

em sociedade, possamos exercitar a cidadania” (2005, p. 228). O conhecimento transforma o aluno abrindo possibilidade de reflexão e ação, a sala de aula, e principalmente as aulas de geografia é um espaço para provocação, reflexão e criatividade.

Cavalcanti (2002) destaca a cidadania como o direito pleno do cidadão, de não apenas possuir direitos e deveres, mas ainda que exerça o direito a ter direitos de forma ativa e democrática, o que inclui a prerrogativa de criar novos direitos e ampliar outros. Essa cidadania plena consiste, portanto, no poder de transformar direitos formais em direitos reais. Este conceito se liga ainda conforme a autora com o direito a cidade, uma vez que, a sua produção envolve o cotidiano das pessoas.

O aluno pertence a um bairro, a uma cidade, a uma realidade sócioespacial ao entendê-la este pode exercer com mais propriedade a sua cidadania. Segundo Cavalcanti, um dos papéis da geografia ensinada seria:

A finalidade de ensinar geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes (2001, p. 24).

Um ensino que considere o aluno como fonte de conhecimento e ponto de partida para o debate do conteúdo se torna mais enriquecedor, ao abordar a realidade em que o aluno vive este se sente mais instigado a participar e se reconhece como sujeito da sociedade e do espaço. Os livros didáticos são produzidos em realidades distintas, e nem sempre tem a preocupação de trazer exemplos de lugares diferentes. É preciso então o professor realizar este trabalho de contextualização.

Em geral se descrevem paisagens distantes e, com as próximas, se fazem descrições tão impessoais que não parecem ser o mundo em que se vive. O grande desafio é tornar as coisas mais concretas e mais reais. Um ensino consequente deve estar ligado com a vida, ter presente a historicidade das vidas individuais e dos grupos sociais (CALLAI, 2001, p. 143).

Além disso, muitos temas que não são propriamente conteúdos geográficos podem ser trabalhados por estarem muito presentes na sociedade atual e contribuir para a transformação do espaço. Um destes temas é a questão da violência urbana, que vem transformando as cidades brasileiras em espaços cada vez mais violento. Segundo Abramovay (2015, p. 20), “Em 2014, em nenhum país do mundo, sem guerra declarada, mais seres humanos mataram outros seres humanos do que no Brasil. Quase 60.000 pessoas foram assassinadas em nosso país”.

Neste contexto a geografia pode contribuir para entender a dinâmica da violência urbana nas cidades, discutindo, principalmente, a realidade dos próprios alunos, sujeitos inseridos nesse processo. É importante salientar que quando a geografia assume o papel de formar cidadãos, é uma ferramenta para os alunos construírem conhecimentos que ultrapassam os conteúdos, mas que vão resultar em práticas de cidadania.

3. A violência urbana no Brasil

No Brasil, após a segunda metade do século XX, principalmente com a consolidação do processo de urbanização em meados da década de 1970, os dados estatísticos mostravam que a população dita urbana ultrapassava, em número, a rural. “Entre 1940 e 1980, dá-se verdadeira inversão

quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%” (SANTOS, 2008, p. 31). É importante ressaltar que no caso brasileiro, esse processo aconteceu de forma rápida e sem um planejamento adequado, o que gerou vários problemas estruturais, sociais e ambientais, fazendo com que a cidade se tornasse um lugar de conflitos e dilemas urbanos (SOUZA, 2005).

A cidade, especialmente a grande cidade de um país periférico ou semiperiférico (países periféricos, semiperiféricos e centrais), é vista como um espaço de concentração de oportunidades de satisfação de necessidades básicas materiais (moradia, saúde...) e imateriais (cultura, educação...), mas, também como um local crescentemente poluído, onde se perde tempo e se gastam nervos com engarrafamentos, onde as pessoas vivem estressadas e amedrontadas com a violência e a criminalidade (SOUZA, 2005, p. 21-22).

Muitos são os problemas que atingem os centros urbanos, geralmente, relacionados à falta de estrutura das cidades para atender as necessidades de seus habitantes, como as de saúde, educação, saneamento básico, transporte, moradia, emprego, lazer, segurança, dentre outras. Segundo Rodrigues:

[...] os problemas urbanos, entre os quais a violência, são decorrentes da expansão da população urbana, expansão essa que não é acompanhada de infraestrutura e dos equipamentos de serviços coletivos necessários à criação da urbanidade (2002, p. 82).

Nesse contexto, importa ressaltar que a ocupação do solo urbano, nas cidades brasileiras, geralmente, ocorre de forma desordenada, empurrando a maior parcela da população, “os pobres” para aqueles espaços periféricos da cidade. Essas áreas periféricas são representadas por favelas, cortiços, conjuntos habitacionais; coincidem com os espaços em que os índices de violências urbanas são maiores.

Nessa conjuntura, a cidade se tornou palco de contradições sociais e espaciais que, de certa forma, influenciam direta ou indiretamente nas dinâmicas criminais. Como aponta Rodrigues (2002, p. 80): “[...] lugares onde há mais violência coincidem com os espaços que foram ocupados pelos pobres: favelas, cortiços, conjuntos habitacionais distantes e sem infraestrutura”. No entanto, é importante salientar que cada cidade tem a sua dinâmica socioespacial urbana, o que faz, por exemplo, a violência urbana em São Paulo, Rio de Janeiro não apresentar as mesmas semelhanças da violência em Teresina- (PI).

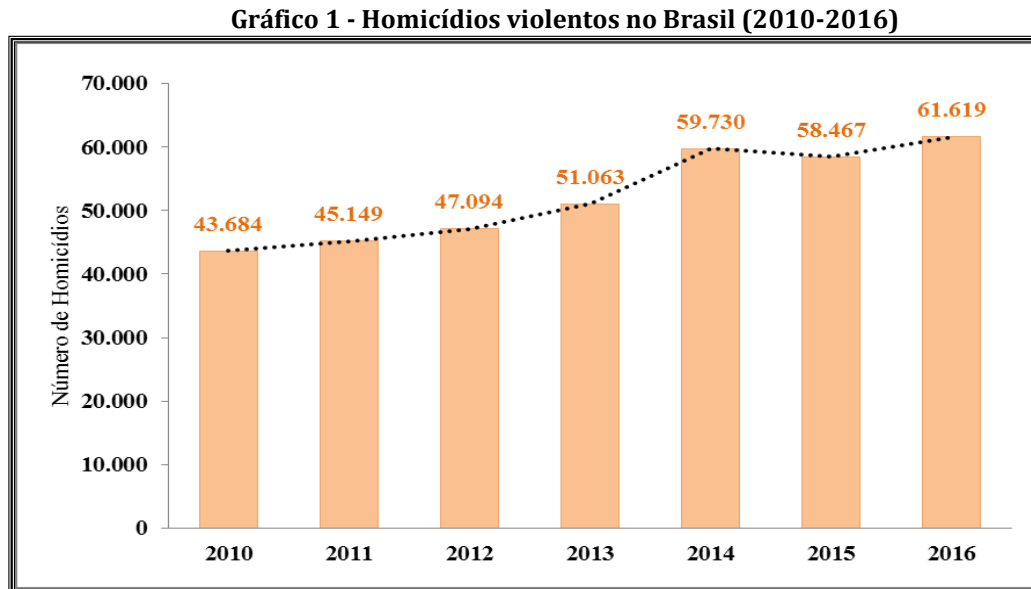
No âmbito desse debate, Beato Filho (2012) observa a relação entre o crescimento urbano e o crescimento dos crimes nas cidades, sobretudo, dos homicídios. Para o autor, a forma como se deu o processo de urbanização nas cidades brasileiras, contribuiu para um aumento desordenado dos crimes. “A rigor, poderíamos dizer que os crimes violentos são fenômenos urbanos associados a processos de desorganização nos grandes centros urbanos, nos quais os mecanismos de controle se deterioram [...]” (BEATO FILHO, 2012, p. 70).

Entre muitos problemas e dilemas inerentes aos centros urbanos, a violência criminal tem ocupado, cada vez mais, um lugar de destaque nesse ambiente, sobretudo, por seu crescimento constante, fato que contraria as melhorias e conquistas que se têm alcançado nos indicadores sociais nas últimas décadas. Além dos avanços nos indicadores sociais, ocorreu também nessas últimas duas décadas, mesmo que de forma mínima, um fortalecimento das instituições democráticas; no entanto, o índice de criminalidades vem aumentando a cada dia, desafiando as políticas direcionadas para esse problema.

Nos dias atuais a violência urbana nas cidades brasileiras tem gerado um clima de insegurança, medo e vulnerabilidade as pessoas. Nas ultimas décadas, a sociedade vivem em um clima de

insegurança, o que Bauman (2009) denomina de “insegurança moderna”. A insegurança moderna é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos (BAUMAN, 2009).

As cidades brasileiras, sobretudo as capitais, tem se caracterizado como um espaço cada vez mais permeado pela a violência urbana nas suas diversas formas de manifestação. As pesquisas sobre violência urbana no Brasil têm mostrado, ano a ano, que as taxas homicídios, umas das vertentes mais temidas da violência urbana vêm crescendo a cada dia. Os meios de comunicações e dados oficiais, evidenciam o aumento dos crimes, podemos constatar no Gráfico1.



Fonte: 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública do Brasil (2017).
Adaptado por Araújo (out. 2017).

Ao observar o Gráfico 1, é possível constatar que, em um intervalo de sete anos, os números de assassinatos saltam de 43.684 homicídios no ano de 2010 para 61.619 mortes em 2016, caracterizando um aumento de quase dezoito mil homicídios, nesse intervalo; ou seja, nesse período, os homicídios no Brasil tiveram um aumento de 141%. Para Abramovay (2015, p. 20), “[...] o Brasil, que conseguiu enfrentar temas complexos como a inflação, a mortalidade infantil e a fome, mostram-se inertes frente à calamidade dos homicídios”.

Esses dados apontam para um problema social urbano preocupante, tendo em vista ainda que as medidas e políticas públicas nacionais, estaduais e municipais, não se mostram eficientes no controle ou na minimização da violência urbana no Brasil. Diante desses números, a sensação que aflora é a de que o Estado, enquanto instituição responsável pela garantia da integridade física e patrimonial das pessoas, está inerte diante da complexidade do problema.

Uma das consequências desse problema é a “cultura do medo” disseminada nas pessoas que habitam o ambiente urbano. Dentro dessa perspectiva, a cidade se transformou em um ambiente onde as pessoas vivem amedrontadas, inseguras, e com a sensação de a qualquer momento se tornará mais uma vítima da violência urbana.

[...] vivemos na era dos ataques à integridade física e à propriedade pessoal, pelo uso da força ou de coação. Cada vez mais, a violência associa-se ao medo de viver nas grandes cidades, onde tudo muda vertiginosamente e todos são incógnitos. Ninguém se conhece; mudou o estilo de vida de morar nas grandes cidades. Esse medo tem similar na história do medo do desconhecido, do ermo, e da coação. Mas o medo que perpassa a vida, hoje, é diferente, pois trata-se do medo do roubo, da morte, das drogas, dos lugares ermos, de perder o pouco ou o muito que cada um tem (RODRIGUES, 2002, p. 77)

Enquanto as classes sociais, média e alta podem pagar sistemas de segurança privados, e se organizar no espaço geográfico de forma segregada em seus condomínios fechados, as classes menos favorecidas economicamente “famílias com baixo poder aquisitivo”, que representam a maior parcela da população urbana, por sua vez, encontram-se segregadas em bairros da periferia, contam somente com o sistema de segurança pública oferecido pelo Estado. Nesse contexto, Bauman destaca que “[...] para as pessoas desprovidas de recursos econômicos, culturais ou sociais (de todos os recursos, exceto da capacitação de realizar trabalhos manuais), a proteção só pode ser coletiva” (2009, p.17).

É notório, portanto a relação que se estabelece entre a produção espacial da cidade e a criminalidade. Seja pela forma que o medo da violência tem influenciado as pessoas que podem pagar ao escolher seu local e forma de moradia, seja na desvalorização de alguns espaços que ficam conhecidos como “violentos”, seja na mudança de comportamento das pessoas em relação aos espaços públicos nas cidades, ou ainda pelo modelo estrutural das edificações urbanas, que são representadas por muros, que cercam e isolam as casas, condomínios, escolas, escritórios, escolas, entre outras. Dialogando sobre a violência urbana na cidade de São Paulo Caldeira destaca:

Hoje é uma cidade feita de muros. Barreiras físicas são construídas por todo lado: ao redor das casas, dos condomínios, dos parques, das praças, das escolas, dos escritórios. [...] A nova estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância (CALDEIRA, 2000 apud BAUMAN, 2009, p. 38).

Dentro dessa perspectiva, pensar a cidades, considerando toda a sua dinâmica sócioespacial, desprezando o fenômeno da violência urbana, é negligenciar um agente que está presente no dia a dia das pessoas, influenciando, seja diretamente ou indiretamente o modo de vida urbano.

4. O professor e a construção do conhecimento: discutindo os resultados

O professor é mais do que um sujeito investido de saberes provenientes da sua formação curricular, formação profissional, experiência ou prática docente, ele ocupa uma posição estratégica dentro do processo de ensino aprendizagem, que é a de construir valores e formar cidadãos ativos, críticos, comprometidos com os problemas sociais, econômicos e políticos em todas suas escalas. “[...] sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política” (LIBÂNEO, 1994, p. 47).

Dentro desse contexto, considerando a Geografia como uma ciência que pode contribuir na análise desse fenômeno, realizou-se uma discussão a partir das entrevistas com os professores. Com o objetivo de preservar a identidade dos professores, foram atribuídos os seguintes codinomes a eles: lírio, cravo, margarida e girassol.

Primeiramente foi investigado os saberes dos professores sobre a temática. Interrogados sobre o conceito de violência urbana, embora de forma sucinta, mostraram propriedade ao discorrer sobre a temática.

Para Lírio, a violência urbana representa “[...] a violação dos direitos civis e a realização das ações conta as normas legais de convivência social”. Na concepção do professor, a violência acaba promovendo uma maior segregação espacial das cidades brasileiras, na medida em que os bairros de maior poder aquisitivo acabam sendo construídos por elevados muros [...].

Na visão de Girassol:

O tema é complexo e possui uma diversidade de causas e efeitos originados

predominantemente pela segregação espacial, concentração de renda e pela fragilidade política sobre segurança pública. [...] a modernização do crime colabora para a definição, dominação e acesso de áreas urbanas.

Na concepção de Margarida:

Violência urbana é todo ato contra as pessoas ou a seus bens integridade física, moral, sexual. Influencia na dinâmica da vida das pessoas, pois estas ficam com medo de circular em certos lugares ou em alguns horários, os lugares públicos deixam de ser frequentados uma vez que se tornam perigosos.

Cravo entende violência urbana da seguinte forma: “[...] é um fenômeno que provoca a desorganização social do espaço urbano, marcado pelos atos de violência e criminalidade, pelo uso agressivo da força física e até mesmo psicológica”.

Um fator importante constatado dentro desse debate, foi à unanimidade dos professores em reconhecer a violência urbana como um fenômeno que influencia diretamente ou indiretamente no modo de vida de quem habita a cidade e, conseqüentemente, na produção sócioespacial urbana. Queiroz (2002, p. 98), compartilha desse pensamento ao afirmar que “[...] refletir sobre a violência e sobre suas nuances geográficas, impõe-se como exercício obrigatório para quem pretende compreender a dinâmica atual da urbanização”.

No âmbito dessa discussão, foi investigada a forma como os professores percebem na sua disciplina uma oportunidade para se discutir este tema.

O professor Lírio, ao discorrer sobre a contribuição da geografia no debate sobre violência urbana, afirma que é preciso contextualizar a temática. “[...] é preciso falar das consequências do atraso socioeconômico brasileiro, entre eles a violência urbana, promover uma discussão e conscientização da necessidade de inclusão social de ampla parcela da nossa sociedade”.

Girassol aponta que a geografia pode contribuir com a reflexão sobre violência, mas não apontou os caminhos ou perspectivas geográficas deve trilhar a geografia.

Margarida entende da seguinte forma: “[...] a geografia pode analisar as causas dessa violência através dos lugares em que acontecem com maior frequência e as consequências através das paisagens espaciais”.

Cravo destaca que a contribuição geográfica nasce “[...] a partir da compreensão do processo espaço temporal, [...] da consolidação da expansão urbana derivado dos problemas decorrentes dessa formação social das cidades”.

Uma reflexão geográfica sobre o tema violência urbana é algo complexo e desafiador, como se constatou nas falas dos professores. Dentro desse dialogo, notou-se as dificuldades dos professores, como foi o caso do Girassol, em apontar as perspectivas geográficas de como a geografia pode contribuir para esse debate.

Segundo Queiroz (2002) a geografia não deve se preocupar em criar uma teoria espacial sobre violência urbana, mas também não pode se furtar desse debate, pois, o modo de vida urbano nas cidades brasileiras está correlacionado com o componente “medo”, desencadeado pela violência urbana, se o medo, enquanto produto da violência é um elemento que interfere no modo de vida urbano e nas atividades citadinas, violência urbana se tornou uma questão essencialmente geográfica.

Dentro dessa mesma perspectiva, Rodrigues (2002, p. 77) ressalta que “O tema violência urbana é importante para pensar a sociedade e o espaço”. Na visão da autora, ao discutir a violência urbana nas aulas de geografia, é importante dialogar sobre algumas vertentes, como por exemplo, mostrar violência sobre determinados grupos sociais e gênero, discutir sobre o direito ao patrimônio e aos

meios de produção e a violência contra esses direitos e não se limitar apenas em apresentar dados estatísticos sobre violência, pois esses dados, da forma como são colocados pela mídia, caracterizam informação, e o papel geógrafo é fazer uma geografização desses dados.

O livro didático ainda é um dos mais importantes recursos que o professor dispõe hoje para trabalhar em sala de aula, sobretudo nas escolas públicas, dessa forma foi avaliado como os professores percebem o tema “violência urbana” nesse recurso didático. De acordo com a concepção de Lírio, o livro didático trata esse tema de forma muito resumida, insuficiente para uma boa análise e discussão geográfica, para ele “[...] o educador precisa realizar uma contextualização global/local e quando possível à adoção de um texto complementar”.

Seguindo o mesmo entendimento de Lírio, Girassol afirma que “[...] as abordagens são superficiais com uma deficiência significativa sobre as causas, consequências e transformações sócioespaciais”. A professora Margarida de forma objetiva afirmou que os livros didáticos tratam o tema “[...] de forma muito superficial”. Cravo ressalta a necessidade de ampliar o debate, afirmando que “[...] não é suficiente, o que suscita a necessidade de ampliar o diálogo entre os alunos sobre questões cotidianas da violência urbana”.

Dentro desse debate subsidiado pelas falas dos professores, ficou evidente o desafio do professor em trabalhar o tema violência urbano. A principal dificuldade está na maneira de como esse tema é tratado no livro didático, pois todos afirmaram que o livro de didático trabalha essa temática de forma superficial, sintética, fragmentada, exigindo do professor a necessidade de buscar em outras fontes, materiais que possam fortalecer e contribuir para uma discussão geográfica de maneira mais aprofundada sobre o tema.

Quanto à metodologia e recursos didáticos utilizados para trabalhar a temática “violência urbana”, os professores deram as seguintes respostas:

Quadro 1 – Quadro síntese das respostas dos professores

Professores	Metodologia utilizada	Recursos didáticos
Lírio	Aula expositiva dialogada e a apresentação de vídeos	Livro, texto complementar e vídeos (documentários).
Girassol	Aula expositiva dialogada, grupo de debate e produção de texto.	Livro didático, revistas.
Margarida	Aula expositiva dialogada, seminários e projetos.	Livro didático, slide, vídeos.
Cravo	Método dialético, pesquisa extraclasse para enriquecer os debates.	Vídeos, livros, documentários, questões problemas e charges.

Fonte: Pesquisa Direta (ARAÚJO, 2016).

Quanto à metodologia adotada pelos professores, é importante destacar que embora, todos façam uso da aula expositiva e dialogada como ferramenta desse debate, não se prendem somente a ela, na medida em que buscam alternativas para enriquecê-la como, por exemplo, o uso de vídeos, produção e pesquisas de texto complementares, seminários e projetos. Isso denota a importância do professor como mediador da discussão, que na sua prática docente deve explorar muitos caminhos, que leve ao mesmo fim, ou seja, a uma aprendizagem dinâmica e construtivista. “Ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações” (TARDIF, 2012, p.167).

Como já foi dito anteriormente, o processo de ensino aprendizagem é uma contrapartida entre professor e aluno, dessa forma é importante entender como os alunos se interessam pelo tema e como

colaboram durante as aulas.

A partir desses questionamentos, observou-se uma semelhança nas respostas dos professores. Todos afirmaram que durante as aulas, os alunos, se mostram muito interessados e bastantes participativos nas discussões sobre violência urbana, proporcionando um debate com muitas intervenções voluntárias, relacionadas, principalmente, com a violência na sua cidade, no seu bairro, no seu cotidiano. Nesse contexto, Lírio aponta que os alunos, “[...] apresentam experiências vivenciadas ao longo de suas vidas, nos meios escolares ou no convívio social”.

Girassol afirma que seus alunos “[...] destacam as relações entre o cotidiano e suas experiências, expõe seus traumas, discutem sobre impunidade e descrença na segurança pública”. Dentro dessa mesma perspectiva, Margarida afirma que durante suas aulas, os alunos interagem “[...] relatando casos de violência que aconteceram com eles ou com amigos ou parentes”. Para Cravo, “[...] os alunos relatam suas experiências que presenciam no dia a dia e na mídia de maneira em geral”.

É importante salientar nesse debate, que as experiências dos alunos, narradas pelos professores, precisam ser consideradas e contextualizadas dentro desse debate geográfico, como bem destaca Cavalcanti.

Todo esse processo requer que a geografia ensinada seja confrontada com a cultura geográfica do aluno, com a chamada geografia cotidiana, para que esse confronto/encontro possa resultar em processos de significação e ampliação da cultura cotidiana (2005, p. 72).

Dentro dessa perspectiva, o professor precisa dialogar com alunos, tomando como ponto de partida essas experiências cotidianas, mas que isso, precisa contextualizar esses fatos citados pelos alunos dentro de uma escala nacional e global, estabelecer relações entre essas escalas (local – nacional – global) para que o aluno possa entender o espaço global a partir de suas experiências locais e vise versa.

5. Considerações finais

A violência urbana que atinge as cidades brasileiras tornou-se um problema generalizado, pois em maior ou menor escala, está presente em todo território nacional. Esse fenômeno em suas várias formas de manifestação transformou-se em um dos principais problemas sociais que atinge todas as cidades, embora os grandes centros sejam mais impactados.

Discutir sobre a complexidade desse fenômeno e suas vertentes geográficas é um desafio para o professor de geografia. No entanto, para entender a dinâmica sócioespacial urbana é preciso considerar um conjunto de agentes, entre eles, está o fenômeno da violência urbana. Portanto, pode se dizer que embora se trate de um tema complexo pela análise de seus múltiplos elementos, a Geografia pode contribuir de várias formas, na análise desse fenômeno. Portanto, é possível refletir sobre essa temática, a partir de um olhar geográfico.

Dentro desse debate, subsidiado pela pesquisa de campo, verificou-se que os professores falam com propriedade sobre influência da violência urbana no modo de vida urbano, ou seja, sobre a organização sócioespacial das cidades, sabem da importância da geografia para se discutir esse tema em sala de aula, percebem o grande interesse dos alunos pela temática, buscam as melhores metodologias e recursos didáticos para enriquecer e aprofundar a discussão. No entanto, o livro didático, ferramenta importante para os alunos e professores, quando trata do tema, aborda de forma resumida, exigindo que o professor procurem outros recursos para ampliar o debate.

6. Referências

- ABRAMOVAY, Pedro. Um pacto para vencer nossa maior tragédia desde a escravidão. In: *Anuário Brasileiro de segurança Pública do Brasil* 2015. <<http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/9o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica>> Acesso em 03/11/2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BEATO FILHO, C. C. *Crime e cidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- CALLAI, Helena Copeti. *A geografia e a escola: muda a geografia Muda o ensino?* Terra Livre, São Paulo, n.16, p 135-152, 1º semestre/2001.
- _____. *Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental*. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, mai/ago. 2005.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e construção de conhecimento*. São Paulo: Papirus, 2001.
- _____. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: contexto, 2005.
- _____. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002. KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. et al. (org.) *Ensino de Geografia: Práticas e textualização no cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- _____. O gato comeu a geografia critica? Alguns obstáculos a serem superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (org.). *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002. p.221-231.
- DAMIANI, Amélia. A Geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *Geografia na sala de aula*. São Paulo: contexto, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. São Paulo: Brasiliense, 2005
- MELARA, Eliane. *A dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria-RS*. 2008. 181 p. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2008.
- QUEIROZ, Ivan da Silva. *A cidade sitiada: da violência consentida ao medo sentido*. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2002.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. *Geografia e violência urbana*. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2002.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA, Helena Oliveira da; SILVA, Jaílson de Souza e. *Análise da violência contra a criança e o adolescente segundo o ciclo de vida no Brasil*. São Paulo: Global, 2005.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *ABC do desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2013**: homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, 2013.